A REPRESENTATIVIDADE NEGRA EXPRESSA NA LITERATURA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO *O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO*

Ana Lúcia Maria Souza Neves
Departamento de Letras e Artes - UEPB
analuciasouza@servidor.uepb.edu.br

Erenice de Souza Lima
Licenciatura em Letras-Português
Projeto de Extensão "Nas Asas da Leitura" - UEPB
erenice.lima@aluno.uepb.edu.br

Introdução

A Literatura infantil brasileira nas últimas décadas tem se mostrado um espaço rico na representatividade das personagens negras. São inúmeros os livros que abordam narrativas criativas e críticas com arranjos simbólicos, valores e crenças que revelam percepções de mundo dos povos africanos e do negro brasileiro. Não apenas através do texto escrito, mas as imagens ilustradas também desconstroem preconceitos e instigam o conhecimento acerca da linguagem, dos rituais e dos valores de pessoas negras, crianças, jovens, adultos.

Nesse sentido torna-se importante conhecer autores e obras que ampliem a visão do leitor acerca da cultura africana e afro-brasileira como propõe a lei 10.639/03, buscando refletir acerca dos discursos pedagógicos e estéticos que permeiam as obras literárias. Tendo também como objetivo aguçar o gosto e a apreciação pela leitura literária.

A leitura literária possibilita também a professores e alunos, assim como a sociedade em geral, debaterem amplamente o racismo estrutural presente na realidade histórica e cultural brasileira. É urgente o conhecimento e a valorização da pluralidade cultural brasileira, importante para o posicionamento contra a discriminação cultural, social, religiosa, de gênero, dentre outras. Isso porque as ideias preconcebidas e o preconceito caminham de mãos dadas e para combatê-los a leitura é o melhor instrumento.

Assim, este artigo tem como objetivo fazer uma análise da construção da personagem negra da obra literária infanto-juvenil "O pequeno príncipe preto" (2021), de Rodrigo França. Objetiva-se com a análise do livro identificar de que formas a personagem negra aparece representada e como a história contribui com o combate aos preconceitos.

Para embasar as discussões partimos das contribuições teóricas referentes a construção da personagem (BRAIT, 1985), Elementos que compõem a narrativa (SOARES, 2007), Teorias sobre o racismo (ALMEIDA, 2019) e (RIBEIRO, 2019), (CUTI, 2010), Literatura Infantil (CADEMARTORI, 2010). Com as observações feitas sobre a personagem protagonista, percebemos o quanto o racismo condiciona os sujeitos a uma posição de desprestígio e inferioridade na sociedade, dessa forma, ao suscitar a reflexão crítica e o debate acerca da representação do negro na Literatura Infantil, contribui-se para uma ruptura de estereótipos negativos e da cultura do racismo em nossa sociedade.

Um pouco sobre o escritor Rodrigo França, a ilustradora Juliana Barbosa e o livro *O pequeno príncipe preto*

O escritor Rodrigo Ferreira França (1978), conhecido como Rodrigo França, também é ator, artista plástico e diretor. Nasceu em 1978 e já participou de mais de cinquenta espetáculos como ator. É coautor do texto e da direção de *O inimigo oculto* e integrou o elenco da peça documentário *Contos Negreiros do Brasil*, com texto de Marcelino Freire e direção de Fernando Philbert. Esteve também à frente da produção do musical *O grande circo dos sonhos* e foi assistente de direção da peça *Além do que nossos olhos registram.* [1]

O pequeno príncipe preto (2020) é o primeiro livro infantil lançado pelo escritor, tendo sido escrito inicialmente como peça teatral. O livro de Rodrigo França é baseado o clássico *O pequeno príncipe,* de Antoine de Saint-Exupéry, a versão literária foi publicada em 2020, pela editora Nova Fronteira, após dois anos em cartaz nos palcos de teatro e ter sido assistida por 60 mil pessoas. As ilustrações são de Juliana Barbosa Pereira, uma jovem ilustradora, animadora e designe. Já desde a capa, a ilustradora ressalta o protagonismo do menino negro e de sua árvore ancestral, o Baobá.

O livro apresenta um total de 32 páginas, sendo que a narrativa vai até a página 29, seguida da biografia do escritor e da ilustradora. Corresponde ao gênero conto. A obra aborda a história de um menino negro, o pequeno príncipe, que tem a missão de espalhar por outros países a semente da Baobá e o Ubuntu, palavra africana que tem origem na língua Zulu (pertencente ao grupo linguístico bantu) e significa que "uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outras pessoas". Ubuntu é também uma palavra que apresenta significados humanísticos como a solidariedade, a cooperação, o respeito, o acolhimento e a generosidade.

A obra explora o tema da aventura, recorrente na produção para crianças e jovens, utilizando uma linguagem clara e atual na representação da personagem negra como protagonista, diferente das construções estereotipadas e preconceituosas: "Ah, já ia esquecendo: eu sou o príncipe deste planeta. A Baobá disse que sou o Pequeno Príncipe. Ela é a Grande Princesa". (FRANÇA, 2020, p. 6).

O aspecto visual da obra mostra-se atrativo para o leitor. São utilizadas cores fortes (azul celeste, laranja, marrom, verde e preta), de maneira alternada nas páginas. Nas folhas coloridas as letras aparecem ora na cor branca ora na cor preta.

A narrativa é realizada em 3ª pessoa, mas o narrador apenas introduz os fatos, como as rubricas no texto dramático, passando a palavra para o protagonista da história e as outras personagens:

> Em um minúsculo planeta mora um menino preto com uma árvore Baobá. O menino gosta muito de regar a Baobá, que é sua única companheira.
> - Vocês só estão me ouvindo, mas não conseguem me ver. Estou atrás do tronco de uma árvore, da Baobá. (FRANÇA, 2020, p. 6).

[1] Informações coletadas no site *literafro* - O portal da literatura Afro-Brasileira Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/teatro/1401-rodrigo-franca.https://www.mundoubuntu.com.br/sobre/curiosidades-do-ubuntu/63-origem-da-palavra-ubuntu.

A linguagem está marcada pela oralidade, vivacidade e coloquialidade:

> Mas voltando à minha história. De repente, começou a ventar muito. Olhei para o céu e vi uma pipa que voava feito uma bailarina no ar. Era a minha chance de voar e conhecer outros planetas. Espalhar as minhas sementes. (FRANÇA, 2020, p. 13).

A obra oferece novas percepções acerca do universo e das identidades da personagem negra, diferente das representações negativas, que mostraram os negros como pessoas feias, sem cultura, sem espiritualidade. Assim, esta produção configura-se como literatura que encanta e amplia as referências estéticas e culturais dos leitores. O livro apresenta a afirmação da identidade negra e da valorização da beleza e da riqueza cultural africana e afrodescendente.

A trajetória da literatura negra destinada à criança

Durante séculos, a tradição literária brasileira esteve fundamentada na perspectiva eurocêntrica colonial, que defendia a superioridade da raça branca e das culturas europeias. No texto de Domício Proença Filho "A trajetória do negro na literatura brasileira", o estudioso identifica em textos literários de gêneros diversos que o negro até metade do século XX foi retratado, com raras exceções, como objeto, numa visão distanciada.

Só a partir dos anos de 1970, momento de efervescência dos movimentos de autoafirmação da etnia, as representações do afro-brasileiro passam a assumir uma atitude compromissada com a legitimação apresentando-o como sujeito da produção do discurso. Segundo observa Domício Proença Filho, "essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século atual" (FILHO, 2010, p. 57). Entretanto, é importante lembrar que os desafios para os escritores negros continuam na contemporaneidade, sobretudo, no que diz respeito à afirmação e visibilidade, bem como à garantia de direitos.

No tocante à literatura infantil, os estudos apontam para a importância do resgate das produções literárias contemporâneas, nesse contexto, vários escritores vêm se destacando no Brasil nas últimas décadas com textos que promovem reflexões no sentido de repensar o lugar das relações raciais num sentido de respeito e valorização da pluralidade e diversidade da nação brasileira. Literatura comprometida com a garantia do direito à fala, ao estudo, ao trabalho digno das personagens negras, exploradas durante séculos.

Durante muito tempo a invisibilidade e a reduzida representação do negro no livro infantil construíram a ilusão da não existência e da condição de minoria do segmento negro, mesmo nas regiões onde ele constituiu e constitui maioria, por isso a relevância de narrar na contemporaneidade a literatura "negro brasileira". A utilização da "expressão literatura negro-brasileira" decorre do fato de que para Cuti (2010) a utilização da designação literatura negro-brasileira não se trata apenas de uma escolha terminológica que em seu dizer é mais correta do ponto de vista sócio-histórico e mesmo geográfico. É também, e principalmente talvez, uma opção política que encontra no combate ao racismo o seu sentido mais profundo.

Na literatura destinada ao público infantil, a trajetória histórica é semelhante ao descrito por Domício Proença. A literatura produzida no século XIX e primeiras décadas do XX no Brasil caracterizou-se em grande parte por retratar a sociedade escravista da época. Era, em geral, uma literatura feita pelas elites e para as elites, de modo que a população pobre, em grande parte explorada, pouco aparecia nas obras literárias e, quando apareciam, eram relegadas ao silêncio e à objetificação.

A criança negra assim como a pessoa adulta é apresentada apenas do ponto de vista do "Outro" e seguindo uma ótica humilhante e pouco humana. Um exemplo dessa literatura o livro Memórias de Emília, de Monteiro Lobato e ilustrado por Paulo Borges, lançado em 1920 pela Editora Globo, a personagem negra Tia Nastácia, cozinheira do sítio, é descrita como uma mulher ingênua, ignorante e analfabeta que não entende as coisas importantes escritas em livros, uma personagem inserida no ambiente doméstico: "Tia Nastácia, essa é uma ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente". (LOBATO, 1920, p. 92).

No entanto, a partir da década de 1970, considerada o "*Boom* da Literatura Infantil", no Brasil, várias obras vêm enaltecendo o negro, suas raízes e sua história, com o intuito de romper com os estereótipos negativos apresentados durante séculos no país. A partir desse período, a literatura destinada às crianças vem investindo no Conhecer para entender, no respeito e na integração, aceitando as contribuições das diversas culturas, oriundas das várias matrizes culturais presentes na sociedade brasileira. Ao contrário da forma estereotipada e caricatural, despossuídos de humanidade e cidadania, as personagens aparecem como protagonistas das histórias narradas. Sua cor está associada a algo positivo, como jabuticaba, café, azeviche etc., dessa forma, estes escritos desconstroem conotações negativas de maneira crítica e criativa, pois concorrem para justapor à representação negativa, uma outra positiva.

Além da cor da pele, muitas obras desconstroem preconceitos em relação ao cabelo crespo, promovendo atitudes positivas das personagens em face de si próprias. Apagando expressões negativas como "cabelo ruim", "rebeldes", "cabelo duro", "carapinha", "mafuá", "piaçava".

A ressignificação das religiões afro-brasileiras também é outro aspecto recorrente na literatura infantil contemporânea. Ao contrário das obras escritas até o século XX quando havia a predominância de uma única matriz religiosa apresentada sob a forma de catequese e não de apreciação histórica e cultural das diversas religiões, os livros atuais têm contribuído para o conhecimento e a valorização dos rituais e deuses das religiões de matriz africanas.

A discussão antirracista na obra *O pequeno príncipe preto*

Para início de conversa, o que é uma literatura antirracista? De acordo com a escritora Djamila Ribeiro no livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019), o antirracismo é o autoconhecimento e a compreensão da discriminação contra os negros iniciada no período colonial no Brasil quando predominou a visão eurocêntrica e etnocêntrica do colonizador. A autora parte da contextualização histórica acerca da temática, para em seguida apresentar, de forma objetiva, orientações/ "instruções" para se refletir sobre a questão do racismo e assumir o combate ao sistema de opressão:

> Quando criança, fui ensinada que a população negra havia sido escrava e ponto, como se não tivesse existido uma vida anterior nas regiões de onde essas pessoas foram tiradas à força. Disseram-me que a população negra era passiva e que "aceitou" a escravidão sem resistência. Também me contaram que a princesa Isabel havia sido sua grande redentora. No entanto, essa era a história contada do ponto de vista dos vencedores, como diz Walter Benjamin. O que não me contaram é que o Quilombo dos Palmares, na serra da Barriga, em Alagoas, perdurou por mais de um século, e que se organizaram vários levantes como forma de resistência à escravidão, como a Revolta dos Malês e a Revolta da Chibata. Com o tempo, compreendi que a população negra havia sido escravizada, e não era escrava—palavra que denota que essa seria uma condição natural, ocultando que esse grupo foi colocado ali pela ação de outrem. (RIBEIRO, 2019, p.5).

A autora começa sua discussão chamando a atenção para o discurso falseado em torno da participação da pessoa negra na história e formação do povo brasileiro. O mais aterrador, segundo ela, é que essa "história" era imposta inclusive para a pessoa negra, no caso as crianças:

> Se para mim, que sou filha de um militante negro e que sempre debati essas questões em casa, perceber essas nuances é algo complexo e dinâmico, para quem refletiu pouco ou nada sobre esse tema pode ser ainda mais desafiador. O processo envolve uma revisão crítica profunda de nossa percepção de si e do mundo. Implica perceber que mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos. (RIBEIRO, 2019, p.5).

Diante da situação, a autora questiona o leitor sobre a atitude assumida frente a realidade do racismo no Brasil:

> Chegamos, assim, à seguinte pergunta: o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista? O autoquestionamento — fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece "natural" — é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros. Simone de Beauvoir, em referência a Stendhal, autor que segundo a filósofa atribuía humanidade às suas personagens femininas, dizia que um homem que enxergasse a mulher como sujeito e tivesse uma relação de alteridade para com ela poderia ser considerado feminista. Esse mesmo raciocínio pode ser usado para pensar o antirracismo, com a ressalva de que sobre a mulher negra incide a opressão de classe, de gênero e de raça, tornando o processo ainda mais complexo. (RIBEIRO, 2019, p.11).

Logo, ser antirracista é um compromisso político contra os preconceitos com relação aos mitos sobre os orixás, as histórias sobre valores da comunidade, , bem como os rituais, as festas. Buscando caminhos nas tradições dando identidade cultural a todo um grupo de brasileiros, que durante séculos foi ensinado a ter vergonha de suas raízes.

Só através do conhecimento profundo dos saberes e práticas culturais do povo negro brasileiro é que poderemos romper preconceitos e agir de maneira respeitosa e antirracista. O livro literário *O pequeno príncipe preto* (2020), na linha do diálogo com

os textos clássicos, veio recorrente na literatura infantil contemporânea, apresenta uma narrativa que tem como referência o texto do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*, cuja primeira edição é de (1943). A obra francesa é protagonizada por uma criança branca que mora em um pequeno asteroide e sai viajando por vários planetas empreendendo descobertas e reflexões de maneira poética e filosófica.

Na obra brasileira, o protagonismo é de um menino negro, que sai por outros planetas espalhando as sementes da Baobá, símbolo da sua cultura:

> Em um minúsculo planeta mora um menino preto com uma árvore Baobá. O menino gosta muito de regar a Baobá, que é sua única companheira. (FRANÇA, 2020, P.5).

> [...] Este planeta é tão pequeno que só cabemos nós dois aqui. Em breve seremos três. Comparado a um planeta chamado Terra, aqui é tão pequeno que parece um grão de areia. Existem outros planetas espalhados por esse infinito Universo. Conheço alguns, mas o meu sonho é conhecer todos, um a um. Saber quem mora nesses lugares e o que fazem. Enquanto faço isso, deixo as sementes da Baobá, por que quero espalhar por ai o que tenho de mais precioso: ela eo UBUNTU. (FRANÇA, 2020, p.6).

Nos excertos além do protagonismo da criança negra, percebemos a sua postura comprometida com novas percepções sobre as crenças e valores embutidos na nossa cultura literária a respeito da população negra.Apesar do viés claramente comprometido com a temática antirracista, a narrativa não deixa de explorar o mágico, o lúdico, importante nos livros destinados ao público infantil:

> [...] para sair daqui, preciso aproveitar as ventanias, que só aparecem de vez em quando. Então, quando elas aparecem, eu saio voando, voando. (FRANÇA, 2020, p.7).

É voando, imagem que comumente está associada à imaginação, que a personagem vai espalhar seus conhecimentos e experiências sobre sua cultura e suas tradições:

> Devo tanto à Baobá, sabe? Sabedoria é comida que nos alimenta. Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravavós... Todos eram reis, rainhas (FRANÇA, 2020, p.8)

Por meio das repetições linguísticas, a personagem viaja no tempo e no espaço e ressignifica a história do seu povo. Situando o passado no presente para projetar o futuro com o estímulo à promoção da autoestima das crianças negras:

> Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. Isso é sabedoria e ancestralidade. (FRANÇA, 2020, p.8).

A referência positiva aos traços físicos característicos da personagem é um dos aspectos ressaltados na narrativa e importante na construção do discurso antirracista:

> A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe um lápis cor de pele. Como assim? A pele pode ter tantos tons. (FRANÇA, 2020, p.9).

A fala da personagem ressalta também a diversidade entre as pessoas negras, suas subjetividades e interesses, combatendo o discurso que apresenta as pessoas negras como todas iguais:

> Historicamente, a branquitude desenvolveu métodos de manutenção do que seria politicamente correto em relação à pauta racial e à reserva de espaço para o "negro único", o que é certamente uma de suas estratégias mais clássicas. Argumenta-se da seguinte forma: "veja só, não somos racistas, temos o fulano, que é negro, trabalhando em tal departamento e, inclusive, ele adora trabalhar aqui, não é mesmo, fulano?". E o fulano, talvez para manter seu emprego, talvez por que aprendeu a reproduzir o discurso da empresa, concorda. (RIBEIRO, 2019, p.26).

Vejamos outra fala do pequeno príncipe preto sobre as singularidades das pessoas negras:

> - Fiquei com vontade de juntar a raposa com aquele rei, para um afetar o outro. Um tem amor demais e o outro amor de menos. Não entendi uma coisa, ela disse: "Você é como cem mil garotos que já conheci." Não sou, não. Cativando ou não as pessoas, nós somos únicos. Não dá para se comparar a nenhum outro ser. (FRANÇA, 2020, p.20).

Embora o discurso esteja marcado pelo viés temático, o tom seguido é de questionamento, reflexão, instigando o leitor a pensar, analisar, sem dar respostas prontas e moralizantes. A descrição da personagem culmina com o reconhecimento e a valorização da beleza do menino negro:

> Eu sou negro!; um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde... Tem o verde-escuro eo verde-claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços. (FRANÇA, 2020, p.9).

> Minha boca é grande e carnuda.
> Olha o meu sorriso, como é simpático e bonito!
> Eu tenho nariz de batata. Eu adoro bata e o meu nariz.
> Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.
> Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual os galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer...Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o cèu! Ele será o limite. (FRANÇA, 2020, p.10).

Conforme ressalta Ribeiro (2019):

> Em relacionamentos interraciais, muitas vezes as pessoas de fora dizem esperar que o filho do casal carregue traços mais parecidos com o genitor de pele branca. No entanto, atribuir uma qualidade negativa ao fenótipo negro, falando coisas como "cabelo ruim", diz muito sobre os padrões de beleza racistas impostos em nossa sociedade. Como a norma é branca, tudo que difere é visto como o que não é bom. (RIBEIRO, 2019, p. 44)

Segundo Ribeiro (2019, p.31), "Perceber-se criticamente implica uma série de desafios para quem passa a vida sem questionar o sistema de opressão racial". A religião de matriz africana também é apresentada na fala do pequeno príncipe:

> Você sabia que, para alguns, os raios são dois guerreiros lutando? Na verdade, são uma guerreira e um guerreiro: Iansã e Xangô. Assim, cada vez que suas espadas se tocam, faz um grande barulho de explosão. . (FRANÇA, 2020, p.12).

Um dos principais desafios na atuação antirracista é combater o preconceito em relação às religiões de origem africanas. Este preconceito está na base da formação do povo brasileiro e tem início com a colonização europeia no século XVI. Na visão eurocêntrica, as religiões africanas, assim como os rituais indígenas, estiveram sempre associadas ao mal, ao demônio, a partir de discursos de intolerância religiosa e constantes casos de perseguição contra as religiões de matrizes africanas que sempre foram marginalizadas. Isso porque o racismo institucional acima de tudo é um processo histórico e que ocorre de forma estrutural.Por último, o pequeno príncipe ensina sobre o "Ubuntu":

> Por que vocês não dão as mãos e vão juntas e juntos? Por que não fazem UBUNTU? Eu sou porque nós somos! UBUNTU significa "nós por nós"! Se forem assim, juntos e juntas, todos vão ganhar as balas. Todos serão vencedores. Como um de vocês pode ficar feliz se todos os outros estiverem tristes, sem bala?
>
> As crianças se olharam e se abraçaram. Aquele lugar começava a me encher de esperança. Resolvi plantar a última semente da Baobá. (FRANÇA, 2020, p.24).

A partir da análise da personagem da obra literária é possível dialogar acerca da igualdade social e racial, trabalhando a construção de valores, formação de identidade e posicionamento ético e moral.

Considerações finais

Uma rápida retrospectiva da produção literária destinada ao público infantil no Brasil até metade do século XX mostra o desprestígio predominante na memória coletiva, da história, da cultura e da identidade das personagens afrodescendentes,

apagadas no sistema literário, baseado no modelo eurocêntrico. A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos que a inferiorizavam e a excluía do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média.

Ao veicular estereótipos, que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro expandiu a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígena e africano, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, 1989, p 57).

A literatura contemporânea, ao contrário, investe na valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro, por meio de narrativas que levam o leitor a conhecer suas origens e a se reconhecer como brasileiro.

As histórias reelaboram a herança cultural dos ancestrais, possibilitando, além disso, manter um diálogo com culturas diversas, através da negociação e renegociação constante dos referenciais simbólicos, dos quais essas comunidades se apropriam para constantemente ressignificá-los.

Nestas considerações finais, é preciso enfatizar o descaso predominante nas obras para criança até o século XX no que diz respeito ao reconhecimento das múltiplas "identidades" e pelas diferentes culturas dos diversos segmentos que historicamente integraram a formação de nosso país.

Assim, a literatura contemporânea como *O pequeno príncipe preto* contribui de maneira significativa para o exercício da cidadania a partir de uma revisão dos estereótipos que embasam o preconceito, onde política, educação e cultura já não possam mais ser separadas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Companhia das Letras, 2009. Disponível em: https://www,mpba.mp.br. Acesso em: 20/09/2022

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BETH, Brait. **A personagem**- São Paulo. Ática, 1985.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil.** Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 2ª ed. 2010.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro – brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção consciência em debate/ coordenada por Vera Lúcia Benedito).

Escola de Comunicação e Artes – ECA. Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação – CELACC. Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. São Paulo. Nov. 2010.

GOUVÊA, M.C.S. de. **Imagens do negro na literatura infantil.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan/abr. 2005. Disponível em: https://www.revistas.usp.br Acesso em: 03/07/2022

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília.** 2ª ed.- São Paulo; Globo, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola.** 2ª ed. MEC, 2005.

PAIVA, Aparecida; Magda Soares. **Literatura Infantil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** Companhia das letras. São Paulo. 2019. Disponível em: https://www.stiueg,org.br Acesso em: 23/072022

SALEM, Nazira. **História da Literatura Infantil.** Editora Mestre Joe. São Paulo. 2ª ed. 1970.